



## XIII SEMANA ACADÊMICA DA GEOGRAFIA

*A educação pelas imagens e suas geografias*

**DE 20 A 24 DE OUTUBRO DE 2025**

### **A INVISIBILIDADE DAS MULHERES DA AGRICULTURA DE BASE FAMILIAR E A URGÊNCIA DA INTERSECCIONALIDADE NOS ESTUDOS RURAIS**

Ivete Pasquali [1]

#### **Introdução**

A problemática deste estudo consiste em analisar as mulheres camponesas que têm sido invisibilizadas nos estudos tradicionais, pois no mundo há uma utilização genérica em usar a expressão “ser humano” sem considerar as especificidades de gênero, raça e classe. Esse pensamento é análogo e ignora as múltiplas dimensões de desigualdades que perpassam as experiências vivenciadas pelas mulheres, em particular no contexto da agricultura familiar. Ao não problematizar as diferenças, os estudos tradicionais privilegiam uma realidade masculina e urbana como centrais com viés eurocêntrico, enquanto ignoram as vivências femininas no contexto da agricultura familiar, em especial dos pequenos municípios do interior do país, na literatura acadêmica.

O campo é marcado por profundas relações de poder e evidenciam a prática da divisão sexual do trabalho, exclusão das mulheres na tomada de decisões na propriedade bem como a desvalorização de suas contribuições econômicas e sociais, como é evidenciado por Herrera, 2019, “a atribuição específica das mulheres ao trabalho de cuidados resultou na circunscrição das mesmas em um determinado espaço ou comportamento, geralmente destituído de poder político”. Essas dinâmicas evidenciam a invisibilidade das mulheres e que perpetuam as desigualdades estruturais de um sistema patriarcal que moldam a vida das mulheres campesinas.

Contudo é importante destacar que as mulheres negras, indígenas e jovens do campo enfrentam desafios ainda mais profundos devido à opressão de gênero, raça e classe, sendo frequentemente excluídas dos estudos que buscam compreender as desigualdades de gênero e trabalho no campo. Como destacado por Collins, 2020, p.34, “Ao focar raça, gênero, idade e estatuto de cidadania, a interseccionalidade muda a forma como pensamos emprego, renda e riqueza, todos os principais indicadores de desigualdade econômica.”. A incorporação de gênero e interseccionalidade nos estudos rurais, é uma necessidade urgente.

Assim, a presente pesquisa, com foco nas mulheres da agricultura familiar, de pequenos municípios do meio oeste de Santa Catarina, busca responder alguns questionamentos, como o gênero e interseccionalidade podem revelar desigualdades e diferenças no trabalho das mulheres no espaço rural? Como são as relações entre gênero e divisão sexual do trabalho no contexto rural? Ao estudar as questões de gênero no âmbito da agricultura familiar, permite expor as desigualdades entre homens e mulheres, a interseccionalidade amplia essa análise, abordando o agravamento das desigualdades através de diversos grupos sociais.



## XIII SEMANA ACADÊMICA DA GEOGRAFIA

*A educação pelas imagens e suas geografias*

**DE 20 A 24 DE OUTUBRO DE 2025**

Esse enfoque pode dar visibilidade, não apenas, às mulheres do campo, mas também analisa as bases do conhecimento tradicional, possibilitando uma interpretação mais inclusiva e representativa da diversidade humana. Admitir a invisibilidade intrínseca das mulheres camponesas e integrar a interseccionalidade em nossas análises é fundamental para compreender as diferenças sociais, culturais, econômicas do espaço rural. Mais do que uma análise teórica, é uma sugestão na transformação política e social que busca dar destaque às mulheres do campo, que historicamente foram silenciadas, assim promovendo um diálogo com a diversidade e a justiça social.

O desenvolvimento deste estudo objetiva compreender as diversas visões relacionadas à qualidade de vida da mulher rural, atentando em como as diversas desigualdades afetam sua história de vida.

### **Objetivo Geral**

- Analisar as relações de gênero e interseccionalidade no contexto da agricultura de base familiares, a fim de compreender como essas dimensões revelam desigualdades e influenciam a invisibilidade das mulheres camponesas nos espaços produtivos e sociais rurais.

### **Objetivos específicos:**

- Investigar de que forma a divisão sexual do trabalho se estrutura e se manifesta nas unidades produtivas rurais.
- Analisar como a divisão sexual do trabalho contribui para a desvalorização das atividades desempenhadas pelas mulheres nas unidades produtivas no contexto da agricultura familiar.
- Examinar a interseccionalidade ligadas a gênero, raça e classe que atravessam a experiência das mulheres.
- Identificar as estratégias de resistência e os mecanismos de empoderamento utilizados pelas mulheres da agricultura de base familiares para conquistar visibilidade, autonomia e reconhecimento social.

### **Metodologia**

A pesquisa fundamenta-se em uma revisão bibliográfica de caráter analítico e interpretativo, sustentada por autores que discutem gênero, trabalho e interseccionalidade no contexto rural. Entre as principais referências estão Connell e Pearse (2015), Collins (2020), Herrera (2019), Bourdieu (2024), Foucault (1988) e Liberato (2015). A análise foi estruturada a partir de três eixos: (1) a concepção de mulher e o papel do trabalho no meio rural; (2) as relações de poder e a divisão sexual



## XIII SEMANA ACADÊMICA DA GEOGRAFIA

*A educação pelas imagens e suas geografias*

**DE 20 A 24 DE OUTUBRO DE 2025**

do trabalho; e (3) a interseccionalidade como lente crítica para compreender múltiplas opressões.

A abordagem qualitativa permitiu identificar como diferentes categorias de gênero, raça, classe e etnia, interagem para reforçar desigualdades estruturais, contribuindo para a invisibilidade das mulheres camponesas nas esferas produtiva e simbólica.

Esta pesquisa constitui um recorte da dissertação de mestrado em desenvolvimento pela autora, realizada no âmbito do programa de pós-graduação, integrando a etapa de fundamentação teórica.

### **Discussão e Resultados**

As discussões sobre gênero, sexualidade e interseccionalidade vêm ganhando destaque no campo das pesquisas científicas, devido à sua relevância na compreensão das dinâmicas sociais atualmente. Diante disso, este trabalho busca analisar a invisibilidade das mulheres camponesas nos estudos tradicionais e a necessidade de incorporar gênero e interseccionalidade, tendo como base conceitos que exploram as relações entre trabalho, desigualdade de gênero, vivências, condições de vida e saúde das mulheres no meio rural e que pode ser reflexo em uma escala nacional e até global.

O objetivo deste artigo é apresentar conceitos-chaves que fundamentam esta análise, estabelecendo um diálogo entre autores e teorias que discute a interseccionalidade e a invisibilidade das mulheres camponesas no contexto da agricultura familiar na contemporaneidade.

A análise será norteadas por conceitos como, mulher (Liberato, 2015) gênero (Connel e Pearse 2015), interseccionalidade (Collins, 2020), sexualidade (Foucault, 1988), trabalho rural (Herrera, 2019), a condição feminina e a violência simbólica (Bourdieu 2024), cujas teorias oferecem diferentes perspectivas sobre as estruturas sociais e as relações de poder.

Como forma de melhor embasar o presente artigo, usamos como conceituação de mulher do campo:

A definição de mulher rural corresponde ao elemento do sexo feminino que reside em âmbito rural e assume, de forma efetiva, um cotidiano característico desse cenário. Possui estrutura familiar e modos de vida relacionados com o campo, empregando seu tempo entre o cuidado do lar e da família e o trabalho rural, designado de agricultura (LIBERATO, 2015)

No entanto, essa mulher do campo, que possui diversas atividades a serem desenvolvidas na propriedade rural, nem sempre é valorizada e ou reconhecida, porém sempre desempenhada pelas mesmas, ainda que as desigualdades estejam presentes, como pode ser observado em Melo (2019), que destaca:



## XIII SEMANA ACADÊMICA DA GEOGRAFIA

*A educação pelas imagens e suas geografias*

**DE 20 A 24 DE OUTUBRO DE 2025**

Não obstante, a questão da invisibilidade do trabalho feminino no meio rural não afasta sua perseverança e coragem de empenhar-se por melhores condições de vida, o que pode ser suscitado pela elaboração de processos de resiliência. Esta é entendida como um conceito que ilustra a flexibilidade de um indivíduo em mobilizar seus recursos próprios para adaptar-se e enfrentar situações adversas, visando a manutenção do equilíbrio biopsíquico (MELO, 2019)

Assim o conceito de interseccionalidade se faz necessário, essa abordagem explica os diversos instrumentos que podem contribuir para solucionar ou minimizar problemas, que por vezes são invisibilizados, ao se tratar de direitos humanos, em especial aos ligados às mulheres rurais. podendo explicar como as múltiplas identidades se sobrepõe e criam situações de opressão, discriminação, múltiplas violências e privilégios.

Collins e Bilge definem a interseccionalidade como uma abordagem que confirma a interconexão de múltiplas formas de opressão e privacidade. Ela vai além da análise de uma única identidade (como gênero ou raça) e considera como essas categorias se cruzam em contexto (2020)

Quando se trata de discriminação, o gênero nunca atua isoladamente, mas é sempre motivado por outras categorias como raça, a condição financeira e a opção sexual. No entanto, Collins critica a abordagem feminista que generaliza as vivências das mulheres sem levar em consideração as múltiplas diferenças de cada grupo. Ela afirma que gênero é uma estruturação das sociedades e que se comunica com diversos níveis de poder. Assim, a necessidade de uma análise cuidadosa, já que as experiências das mulheres são múltiplas e complexas. (Collins e Bilge, 2020)

Para as autoras, a interseccionalidade é um instrumento que possibilita a mudança social e que apresenta recursos para construção de tais mudanças. Ela é apresentada como um meio para construir arranjos entre movimentos que buscam justiça social, como o feminismo interseccional e os movimentos antirracistas.

Collins(2020) relaciona a sexualidade com as estruturas de poder, destacando como normas heterossexuais são usadas para regular comportamentos e identidades. Ela aponta como a interseccionalidade pode expor as maneiras pelas quais o gênero está entrelaçado com outras formas de opressão, como o racismo e o colonialismo. Sendo um exemplo claro disso, o que assistimos na TV, ouvimos no rádio ou lemos em jornais e revistas, onde fica evidente a violência contra as mulheres negras e a repressão das sexualidades LGBTQIA+, evidenciando as práticas que sustentam dinâmicas de poder e desigualdade.

O conceito de interseccionalidades é também abordado por Foucault (1988) que destaca as questões de poder e sexualidade, que também dialogam com as



## XIII SEMANA ACADÊMICA DA GEOGRAFIA

*A educação pelas imagens e suas geografias*

**DE 20 A 24 DE OUTUBRO DE 2025**

perspectivas de Collins ao explorar como os sistemas de poder moldam os corpos, vestimentas e comportamentos.

Karolyna Herrera (2019) tem contribuído para a discussão de gênero e interseccionalidade com um foco centrado nas mulheres rurais e na diversidade da agricultura familiar. Seus estudos destacam a mulher como tendo o papel central na reprodução socioeconômica, na segurança alimentar e na sustentabilidade do meio rural. Herrera utiliza a interseccionalidade como uma importante ferramenta para explorar como as mulheres enfrentam opressões interligadas, como as de gênero, classe e etnia.

Herrera enfatiza a relevante contribuição e faz uma análise das múltiplas funções desempenhadas pelas mulheres na agricultura familiar, que vão muito além do trabalho produtivo, ela inclui o cuidado com a família e a preservação cultural. Essa visão nos instiga a observar que muitas vezes, a sociedade inviabiliza essas atividades nos debates políticos e econômicos, assim ela reforça a importância de políticas públicas direcionadas às mulheres camponesas.

Além disso, Herrera destaca como as mulheres negociam espaços de poder e transformam sua realidade mesmo em condições adversas. Essa perspectiva também é abordada por autores como Collins, ao associar como múltiplos sistemas de opressão que impactam diferentes aspectos das vidas das mulheres.

Essas contribuições estão intimamente ligadas ao tema sobre os desafios e estratégias das mulheres camponesas, pois oferecem uma estrutura para compreender como que os fatores sociais permeiam no contexto da agricultura familiar bem como para identificar práticas de resistência e transformação.

Pierre Bourdieu, em suas análises sobre violência simbólica, oferece importantes informações para compreender a invisibilidade das mulheres camponesas nos estudos tradicionais. A violência simbólica, segundo Bourdieu, refere-se às formas sutis e traiçoeiras de dominação que se manifestam por meio de práticas e discursos socialmente aprovados, os quais reproduzem as desigualdades e hierarquias sem a possibilidade de contestação evidente. Nesta abordagem é possível explicar como é a divisão sexual do trabalho e os papéis tradicionais que devem ser desempenhados por cada integrante da família, o que torna as contribuições femininas invisíveis ou subvalorizadas. Nos estudos tradicionais sobre agricultura familiar e trabalho rural, as mulheres são frequentemente excluídas ou mencionadas de forma secundária, refletindo um viés que ignora a complexidade das relações de poder e as experiências específicas delas.

Atualmente, observa-se a necessidade de incorporar as questões de gênero e interseccionalidade, em nossos estudos é crucial para interpretar essa invisibilidade da mulher rural. A análise interseccional reconhece que as mulheres enfrentam múltiplas formas de opressão, baseadas não apenas no gênero, mas também na classe, etnia, e contexto geográfico que interagem e se fortalecem mutuamente. Ao fazer isso, é possível identificar as dinâmicas de poder que servem de base para exclusão dessas mulheres além de propor estratégias de empoderamento e enfrentamento das desigualdades.



## XIII SEMANA ACADÊMICA DA GEOGRAFIA

*A educação pelas imagens e suas geografias*

**DE 20 A 24 DE OUTUBRO DE 2025**

A obra de Bourdieu, não trata diretamente do contexto da agricultura familiar, contudo, fornece ferramentas teóricas para criticar as estruturas que perpetuam a subvalorização feminina, a dominação masculina que sobrevive na sociedade contemporânea e para promover produções acadêmicas e sugerir políticas públicas que valorizem as experiências das mulheres rurais

### **Considerações Finais**

Os estudos tradicionais nas ciências sociais e humanas, no decorrer da história, estiveram marcados por um viés universalista que inviabilizou diferenças fundamentais entre homens e mulheres. Ao conceber o "ser humano" como uma categoria universal, neutra e homogênea, desconsideravam os marcadores sociais como gênero, raça, classe e territorialidade, que estruturam desigualdades e hierarquias. Essa visão, supostamente neutra, ignora as experiências humanas que são profundamente atravessadas pela interseccionalidades, ou seja, pela sobreposição de diferentes sistemas de opressão e privilégio.

As mulheres camponesas, frequentemente são invisibilizadas pelos estudos tradicionais, convivem com múltiplas opressões: a desigualdade de gênero, a marginalização racial e a exclusão socioeconômica. Ao generalizar o "ser humano", os estudos tradicionais não apenas negligenciam essas particularidades, mas também reforçam dinâmicas de exclusão ao não reconhecer as especificidades das vozes de que é tida como sem importância.

A crítica a esse paradigma universalista é essencial para uma sociedade mais inclusiva e transformadora. O uso de abordagem interseccional no estudo das mulheres rurais revela como essas mulheres enfrentam desigualdades estruturais tanto na esfera do trabalho quanto na construção de suas percepções individuais. Por exemplo, a divisão sexual do trabalho nas unidades de produção familiar frequentemente reproduz papéis de gênero que limitam as oportunidades das mulheres e naturalizam sua subordinação. Além disso, a invisibilidade das mulheres negras e indígenas nessas análises aprofunda as lacunas teóricas e práticas para compreender a realidade rural.

Reconhecer a importância de categorias como gênero e raça não é apenas uma questão de contribuir para o conhecimento, mas uma necessidade política. Apenas ao dar visibilidade às vozes que desafiam o universalismo e suas consequências, é possível construir políticas públicas e práticas sociais mais equitativas. Movimentos sociais rurais e feminismos populares têm desempenhado um papel crucial nesse processo, denunciando a invisibilização histórica e articulando demandas por mudanças que considerem a pluralidade das experiências humanas.

Os estudos relacionados às atitudes generificadas, as representações culturais de gênero, a invisibilidade das mulheres camponesas, as questões de raça e classe, vem ganhando destaque nos últimos anos, fazendo questionamentos, sugerindo políticas públicas e tentando mostrar para as sociedades a importância do trabalho das mulheres nas unidades produtivas, no bem estar de toda a família, e na segurança alimentar do país.



## XIII SEMANA ACADÊMICA DA GEOGRAFIA

*A educação pelas imagens e suas geografias*

**DE 20 A 24 DE OUTUBRO DE 2025**

Portanto, a crítica ao universalismo tradicional não se limita a uma revisão acadêmica, mas implica uma transformação nas bases da produção de conhecimento e nas ações práticas. É um chamado para a centralidade da interseccionalidade como ferramenta analítica e política, capaz de iluminar desigualdades estruturais e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e plural.

Por fim, observamos a necessidade de estudos mais aprofundados sobre os conceitos de gênero, interseccionalidade, sexualidade, trabalho rural, a condição feminina e a violência simbólica, pois essas teorias oferecem diferentes perspectivas sobre as estruturas sociais e as relações de poder, que permeiam nossa sociedade. É evidente que as mulheres camponesas são invisibilizadas nas unidades produtivas e nas produções acadêmicas, na maioria das vezes sem a intenção, pois a herança patriarcal imposta, ainda é muito presente.

**Palavras-chave:** Mulheres; Agricultura de base familiares; interseccionalidade;

### **Referências:**

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina, a condição feminina e a violência simbólica.** Rio de Janeiro, 2024.

BUARQUE DE HOLLANDA, Heloisa (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais.** Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade.** Tradução de Rane Souza. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

CONNELL, Raewyn. **Gênero em termos reais.** Tradução de Marília Moschkovich. São Paulo: nVersos, 2026.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero: uma perspectiva global – compreendendo o gênero, da esfera pessoal à política, no mundo contemporâneo.** Tradução e revisão técnica de Marília Moschkovich. São Paulo: nVersos, 2015.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber.** Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

HERRERA, Carolina Marin. **A jornada interminável: a experiência no trabalho reprodutivo no cotidiano das mulheres rurais.** Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

LIBERATO, Ermelinda. **As mulheres camponesas e a agricultura familiar: desafios e estratégias.** Disponível em: [https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/10809/1/CONLAB\\_Ermelinda%20Liberato.pdf](https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/10809/1/CONLAB_Ermelinda%20Liberato.pdf)  
Acesso em: 24 nov. 2024.